

# CACÁ E AWARU, SEU AMIGO XAVANTE

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

## *Sinopse:*

*O livro conta a história de Cacá e seu amigo Awaru, jovem índio Xavante. Cacá era filho do Dr. José Eduardo, um Antropologista, que foi convidado para fazer um estudo em uma Aldeia Xavante. Assim, Cacá conheceu Awaru, um jovem Xavante entusiasmado pelos atos de magia e feitiço, que se envolve em várias situações engraçadas na aldeia. O livro retrata a vida de Awaru quando criança e jovem na tribo Xavante, alguns hábitos e costumes desta tribo indígena do Brasil. Uma grande amizade nasce entre Cacá e Awaru. A história demonstra as diferenças e contrastes importantes de uma vida na cidade e outra vida na floresta. Possibilita um conhecimento de parte da cultura e hábitos de nossos índios, despertando um sentimento de curiosidade e admiração da parte das crianças.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

## MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA XAVANTE

Nota:

Várias palavras na língua Xavante constam em algumas frases deste livro. Assim, para compreender bem estas frases, o leitor deverá escrever ao lado de cada palavra da língua Xavante o seu significado, no espaço reservado, utilizando-se do minidicionário abaixo. Procure memorizar o seu significado, uma vez que uma mesma palavra pode se repetir nas frases seguintes.

Xavante	Português
<i>Aiutepre</i>	<i>Bebê</i>
<i>Abazé</i>	<i>Caça</i>
<i>Abzé</i>	<i>Feitiço</i>
<i>Aihöiré</i>	<i>Jacaré</i>
<i>Airepudu</i>	<i>Meninos</i>
<i>Amere</i>	<i>Abelha</i>
<i>Arârâré</i>	<i>Beija-flor</i>
<i>Atamã</i>	<i>Calma</i>
<i>Awaru</i>	<i>Cavalo</i>
<i>Damama</i>	<i>Pai</i>
<i>Dana</i>	<i>Mãe</i>
<i>Danono</i>	<i>Ritual de iniciação dos homens</i>
<i>Daruo</i>	<i>Desculpa</i>
<i>Datsitsanawa</i>	<i>Irmã</i>
<i>Dazawizé</i>	<i>Amor</i>
<i>Dawededzé</i>	<i>Remédio</i>
<i>He pâri</i>	<i>É assim que deve ser feito</i>
<i>Hö</i>	<i>Casa de reclusão dos adolescentes</i>
<i>Hu</i>	<i>Onça</i>
<i>Iprédu</i>	<i>Homem adulto</i>
<i>Irãtede</i>	<i>Cabeça dura</i>
<i>Isahi</i>	<i>Bravo</i>
<i>Itoze</i>	<i>Engraçadinho</i>
<i>Iwere</i>	<i>Lindo</i>
<i>Ni</i>	<i>Socorro</i>
<i>Oi'ó</i>	<i>Luta cerimonial</i>
<i>Ôwewe</i>	<i>Riacho</i>
<i>Parinaia</i>	<i>Colmeia</i>
<i>Rada</i>	<i>Arara vermelha</i>
<i>Ratara</i>	<i>Filhote de arara</i>

*Rowarudu*

*Ri*

*Ritéiwa*

*Rómhuri*

*Rótiwa*

*Rowe*

*Tãibó*

*Tãiwapo*

*Tsiwawë*

*Uhödö*

*Uibró*

*Uhö*

*Uti*

*Wahirada*

*Wahirada niwamhã*

*Wa'i*

*Wapsã*

*Wapté*

*Warã*

*Warazu auwê ubua*

*Waritire*

*Wazuriwa*

*Brincalhão*

*Casa Xavante*

*Jovens quando saem do Hö*

*Ato de magia, feitiçaria*

*Chefe, aquele que manda*

*Alegria*

*Acabou*

*Arco-íris*

*Águia*

*Anta*

*Borduna*

*Queixada*

*Sapo*

*Homens mais antigos da tribo*

*Conselho da Tribo*

*Luta corporal*

*Cão*

*Adolescente*

*Conselho tribal*

*Estrangeiros de cara branca*

*Seriema*

*Guerreiro*

Carlos Rogério, este era o seu nome. Os seus pais, avós, tios, primos e outros parentes o chamavam de Carlinhos. Mas, seus amigos lhe deram o apelido de Cacá. A única pessoa que o chamava pelo nome de Carlos era sua professora.

*(Apelido é uma forma carinhosa de chamar os amigos que a gente gosta. Mas, há apelidos que não são nada corretos e agradáveis para se chamar um amigo, como: Magrelo, Vesgo, Orelhudo, Gordão, Gaguinho, Manquitola, entre tantos outros. Estes apelidos devem ser evitados porque podem humilhar os amigos e expô-los ao ridículo perante as outras pessoas!).*

Cacá gostava muito de brincar com os muitos presentes que ganhava de seus pais, padrinhos, avós, tios, amigos e parentes. Seu quarto era repleto de brinquedos.

Entretanto, tinha uma caixa com brinquedos que eram os preferidos de Cacá – os bonequinhos de super-heróis e, principalmente, as miniaturas de dezenas de índios.

Assim, quando Cacá levava sua caixa de brinquedos para o quintal, ele montava uma verdadeira aldeia, com os índios caçando, pescando, conversando ao redor da fogueira, índias cozinhando e cuidando de seus filhos. As ocas, como são chamadas as casas dos índios, formavam uma roda ao redor do terreiro.

Quando tinha menos idade, Cacá dizia que queria ser um índio quando crescesse, tal era o fascínio que sentia pela vida dos indígenas e os lugares onde eles moravam.

Mas, Cacá nunca tinha visto um índio de verdade na floresta brasileira. Ele gostava de acompanhar os filmes e documentários sobre os índios brasileiros na televisão e achava muito curioso seus hábitos e costumes de vida. Definitivamente, estes eram muito diferentes dos hábitos e costumes de Cacá e seus amigos!

O pai de Cacá, Dr. José Eduardo, era um famoso Antropologista. Além de fazer estudos e pesquisas de Antropologia, ele era professor desta matéria em importantes universidades.

*(Você sabe o que é Antropologista? Não? Então, senta que lá vem aula! Antropólogo é um cientista que estuda o homem, analisando-o como um ser biológico, social e cultural, assim como suas relações com o ambiente. Ele é formado em Antropologia! Não ajudou muito? Então, vamos aprender um*

*pouco sobre Antropologia. Esta ciência estuda, principalmente, os costumes, crenças, hábitos e aspectos físicos dos diferentes povos que habitaram e habitam o nosso planeta. Portanto, os antropólogos estudam a diversidade cultural dos povos. Como cultura, nós podemos entender todo tipo de manifestação social. Modos, hábitos, comportamentos, folclore, rituais, crenças, mitos e outros aspectos são fontes de pesquisa para os antropólogos. A estrutura física e a evolução da espécie humana também fazem parte dos temas analisados pela Antropologia. Os antropólogos utilizam, como fontes de pesquisa, os livros, imagens, objetos, depoimentos entre outras. Porém, as observações, através da vivência entre os povos ou comunidades estudadas, são comuns e fornecem muitas informações úteis ao antropólogo. A antropologia é a resposta para conhecermos o que somos a partir do estudo de nossos semelhantes. Você ainda está com dúvidas? Então, pergunte aos seus pais, avós e, principalmente, à sua professora!).*

O Dr. José Eduardo era um famoso pesquisador e professor universitário. E ele tinha alguns amigos Antropólogos que trabalhavam em institutos de pesquisas e ONGs. ONG é uma Organização Não Governamental.

Cacá nunca entendeu muito bem o que o seu pai fazia. E, geralmente, muitas outras pessoas não entendiam o que o pai de Cacá fazia. Era natural! Antropologista não é uma profissão muito comum de se encontrar.

Mas, o Dr. José Eduardo estava muito feliz e realizado neste seu trabalho. Desde criança, ele mostrava interesse no estudo da evolução do homem. E um de seus passeios prediletos, mesmo quando criança, era visitar museus! Pode? Pode sim!

E foi nestas visitas aos museus que ele tinha uma resposta na ponta da língua quando alguém perguntava:

- O que você vai ser quando crescer?
- Antropologista! Respondia o Zezinho, apelido do Dr. José Eduardo quando criança.

E um dia, no jantar, Cacá ouviu uma conversa de seu pai com sua mãe Dona Silvana que o deixou muito intrigado e curioso :

- Silvana, hoje eu recebi um e-mail de meu amigo Ricardo, aquele que se formou comigo e trabalha em uma ONG que dá assistência aos índios brasileiros.

- Ah! Sim? Ele está bem? O que ele queria?
- Ele está muito bem, sim. Ele me convidou para passar as férias de julho no alojamento da ONG na Aldeia Xavante no estado de Mato Grosso, na fronteira com o estado de Goiás.
- Verdade? Mas, você pensa em aceitar? É tão longe e tão distante da civilização!
- Querida, esta é uma rara oportunidade para mim. Eu poderei fazer estudos sobre este importante grupo indígena do Brasil durante 30 dias!
- Mas, e as nossas férias na praia? E o Cacá? Eu acho que ele não vai gostar muito da ideia!
- Bem, eu penso em aceitar sim! Mas, se o Cacá não se sentir bem e preferir ir para a praia, eu acho que podemos tirar férias separadas este ano. O que você acha, querida!
- Querido, eu entendo a importância deste seu trabalho e esta oportunidade para o seu trabalho. Mas, eu não gostaria de separar a família nas férias, não. Vamos ver o que Cacá acha disto?

E o Dr. José Eduardo e Dona Silvana se surpreenderam com a resposta e entusiasmo de Cacá pela ideia de passar férias na Aldeia Xavante.

- Claro que quero ir, sim! Eu gosto muito de brincar com as minhas miniaturas de índios. É minha brincadeira favorita. E lá, poderei brincar com os indiozinhos de verdade! Além do mais, eu posso ir a praia todos os anos, mas visitar uma Aldeia Xavante talvez seja minha única oportunidade! Respondeu Cacá com firmeza.

Cacá estava entrando na adolescência. Ele completara 12 anos e já tinha um bom entendimento para sua idade sobre os fatos que o cercavam. E isto se devia ao fato de Cacá ser muito curioso e gostar de adquirir novos conhecimentos. Quando ele não entendia alguma coisa, ele perguntava para seus pais, seus avôs, sua professora e sabia até consultar a Internet em busca de respostas para seus questionamentos.

Os dias que se seguiram foram de intensos preparativos para a viagem de férias ao Mato Grosso. Isto deveria acontecer dentro de 20 dias e a família tinha que fazer vários preparativos para a viagem e resolver um monte de coisas.



A ansiedade era geral, principalmente de Cacá e seu pai.

De sua parte, Cacá procurava decidir o que levaria em sua bagagem. Ele separou sua lanterna, alguns livros ilustrados de histórias infantis, todas as miniaturas da sua aldeia indígena, carrinhos, um trenzinho, um aviãozinho, lápis, caneta, lápis colorido, cadernos e sua bola de futebol.

- Bem, acho que isto é tudo o que posso levar. Minha mãe não quer que eu leve muita coisa na bagagem! Lembrava-se Cacá.

E o grande dia chegou. A família estava pronta para viajar. O mais motivado, sem dúvida, era o Dr. José Eduardo. Os conhecimentos que ele aprenderia lá seriam muito importantes para sua carreira e seus planos. Dona Silvana era a que estava menos entusiasmada. Ela gostava de sua casa, sua rotina diária e, com certeza, sentiria muito a falta de seus pais, avós de Cacá. Cacá se deixou levar pela novidade e possibilidade de brincar com índiozinhos de verdade.

A família foi recepcionada pelo Dr. Ricardo, responsável pelo posto da ONG que dá assistência aos índios e que morava no alojamento.

No caminho do aeroporto de Cuiabá até o posto da ONG, o Dr. Ricardo foi conversando como Dr. José Eduardo. Enquanto isto, Cacá olhava pela janela do carro e começava a ver as grandes florestas e campos, sinal que a Aldeia Xavante estava se aproximando.

Ele ouvia cantos diferentes de pássaros, gritos estranhos de outros animais, o ar tinha um cheiro de mistério.

Em um campo aberto e próximo da mata, Cacá pode ver um grupo de capivaras pastando calmamente nos campos do Pantanal. Ele viu uma lagoa com muitos jacarés, viu um cervo do pantanal fugindo de uma onça pintada em alta velocidade, viu um grupo de cachorros do mato devorando uma queixada que tinha acabado de caçar e um bando de urubus que aguardavam as sobras.

Cacá começou a ficar com medo:

- Pai! Estou com medo! Estes bichos vão morar com a gente? Eles não vão me comer?

O Dr. José Eduardo riu da pergunta de Cacá e procurou tranquilizá-lo:

- Não, filho. Nós estaremos em um lugar selvagem, mas, você estará bem protegido!

Finalmente, chegaram ao posto da ONG. O dia estava acabando e o sol se punha no horizonte vermelho e empoeirado.

E o primeiro dia foi de intensas novidades.

Eles conheceram a casa onde morariam nos próximos 30 dias. A casa era simples e pequena, mas confortável. Eles tinham à disposição o básico que precisariam para viver, porém sem luxo.

Eles deram uma volta rápida nas instalações. Ao longe, eles podiam ouvir o canto dos Xavantes e um clarão de uma grande fogueira. Cacá não via a hora de visitar a aldeia!

Sua mãe Adriana parecia um pouco triste e preocupada.

- Mãe, vai dar tudo certo! Disse Cacá, dando-lhe um beijo de boa noite. Ele tomaria um banho e iria dormir. O dia seguinte seria um dia cheio de atividades.

Dona Silvana gostou do beijo e apoio de Cacá e se sentiu melhor. Ela pensou: Se estar aqui é bom para o José Eduardo e Cacá, será bom para mim também!

Quando acordou na manhã do dia seguinte, Cacá levou um susto. Ele pensava que, ainda, estava em seu quarto, na cidade de São Paulo. Os berros, gritos e cantos dos animais da floresta mostravam que suas manhãs não seriam mais as mesmas por um bom período.

Cacá levantou-se às pressas da cama e gritou para o seu pai:

- Pai! Eu vou até a Aldeia dos Xavantes. Vou ver se conheço alguns amiguinhos índios!

E o Dr. José Eduardo alertou Cacá:

- Cacá, você não pode fazer isto sozinho. As visitas à Aldeia dos Xavantes são monitoradas, o seu acesso por visitantes é controlado! Você somente poderá ir lá comigo e com os agentes da ONG!

Cacá conteve sua empolgação, mas insistiu:

- Mas, pai! Nós vamos lá ainda hoje?
- Creio que sim! Preciso falar com o Dr. Ricardo! Respondeu seu pai.

E naquela mesma manhã começava o trabalho de Antropologista para o Dr. José Eduardo e para Cacá, os esforços para conhecer amiguinhos índios.

Em sua primeira visita, Cacá pode ver alguns Xavantes caçadores se preparando para mais um dia de caça. Eles arrumavam seus arcos e suas flechas. As mulheres Xavantes raspavam mandiocas em uma pedra para fazer farinha, enquanto algumas carregavam seus bebês amarrados nas costas e lavavam alguns utensílios feitos em cerâmica.

No começo, Cacá ficou um pouco envergonhado. Os Xavantes estavam seminus e vestiam apenas uma espécie de tanga feita com fibras da floresta. As crianças, geralmente, ficavam nuas.

Mas, Cacá logo percebeu que isto era natural para eles. Eles nasceram desta forma e não faziam roupas. O calor na floresta é muito forte.

As crianças Xavantes tomavam banho no rio que cortava a aldeia, completamente nuas.

Cacá sentia que todos eram muito espontâneos, ingênuos e não tinham maldade em seus corações.

Quando Cacá conheceu alguns meninos Xavantes, eles riam de suas roupas, procuravam tocá-las com as mãos. Achavam estranho Cacá estar calçando um tênis apertado, enquanto eles gostavam de andar descalços na terra. Um indiozinho pegou o boné de Cacá e colocou em sua cabeça para sentir como era, mas logo devolveu. Ele preferia sentir o ar fresco soprar em seus cabelos.

As mulheres Xavantes acenderam fogo nos pedaços de árvores secas retiradas da floresta. Ao redor da fogueira elas colocavam pedras para cercar as brasas.

O almoço do dia e quase todos os dias era uma espécie de pão feito de farinha de mandioca e peixe assado, além de frutas da floresta. Algumas vezes, eles comiam carne dos animais caçados na floresta.

Cacá ficava com pena ao ver pequenos animais silvestres abatidos pelas flechas dos índios. Mas, o Dr. Ricardo explicava que isto era uma forma deles sobreviverem e que isto não causava danos à floresta.

- Cacá, os maiores danos aos animais silvestres são causados pelos homens brancos, quando derrubam as grandes extensões de florestas e queimam as matas! Explicou o Dr. Ricardo.

O Dr. José Eduardo aproveitava todo o seu tempo para tirar fotos dos Xavantes, de frente, de perfil, dos homens, mulheres e crianças de várias idades. Ele recolhia, também, objetos de cerâmica feitos pelos índios, artesanatos e enfeites. Ele copiava em uma folha de papel os desenhos dos Xavantes. Tudo isto seria importante para os seus estudos de Antropologia.

Estas visitas de Cacá à Aldeia dos Xavantes não demoravam muito e logo ele tinha que voltar ao posto da ONG.

Uma manhã, enquanto o Dr. Ricardo e o Dr. José Eduardo saíram para um estudo especial com um grupo de guerreiros Xavantes, Cacá pediu à Dona Silvana se poderia conhecer a floresta ao redor da Aldeia.

Ela disse que não poderia. Mas, o senhor Ademir, um Guarda Florestal, se ofereceu para acompanhar Cacá, prometendo que não deixaria Cacá se afastar muito. Todas as manhãs, o Guarda Florestal fazia uma vistoria nas trilhas próximas da aldeia. Era uma forma de evitar caçadores e predadores.

E Cacá seguiu para conhecer a floresta, conversando animado com o senhor Ademir:

- Seu Ademir, nós vamos ver a onça? E quem sabe ver uma anta? Eu quero ver, também, os macacos nas árvores e as araras!

- Vamos com calma, Cacá. Com certeza, vamos ver araras e macacos nas árvores. Mas, a onça e a anta se escondem e fogem quando da aproximação dos seres humanos. E isto é bom! Mas, quem sabe teremos sorte de ver alguma delas! Respondeu o senhor Ademir, procurando não tirar o entusiasmo e as fantasias de Cacá.

Após caminharem por mais de uma hora nas trilhas ao redor da aldeia, Cacá e o senhor Ademir presenciaram uma cena curiosa e estranha.

Um jovem índio olhava fixo e falava sozinho, olhando para um arbusto, enquanto balançava suavemente os braços e mexia os dedos em direção a alguma coisa no arbusto.

- Espere, Cacá! É o Awaru! Eu o conheço. Este jovem índio é muito arteiro e causa alguns problemas na aldeia. O que será que ele está aprontando desta vez? Vamos observá-lo!

A abelha olhava, intrigada, os dois grandes olhos negros à sua frente, que se aproximavam cada vez mais em direção à flor onde pousara. Franzindo os olhos, ela armou seu zangão pronto para atacar, deixando bem claro ao intruso que estava muito irritada.

O dono dos olhos era ele mesmo, o Awaru, um menino Xavante, que procurava enfeitiçar a abelha, com os dedos das mãos abertos apontando para ela:

- *Amere, abzé! (tradução: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_).*  
*Vontade de amere é vontade de Awaru. Ouça e obedeça. Ordeno que você voe para a aldeia e pique Tãiwapo!*

- Ah, este Awaru não tem jeito mesmo. A pobre Tãiwapo, alvo da picada da abelha desejada por Awaru, é a Irma de Awaru! Explicou o senhor Ademir.

A abelha começou a voar em círculos, zumbindo, chamando suas companheiras que moravam na colmeia. Era o sinal de perigo para toda a colmeia construída no alto de uma palmeira não longe dali.

Em poucos minutos, um enxame de abelhas rodeou a cabeça de Awaru e o atacou. Awaru, apavorado, saiu em grande disparada em direção à sua casa, procurando refúgio, seguido por dezenas de abelhas enfurecidas.

A aldeia Xavante era localizada na proximidade de um riacho. A aldeia tinha a forma de uma ferradura, com a entrada voltada para o rio. As casas tinham as portas voltadas para o centro da aldeia.

Em cada uma das extremidades da aldeia, podiam-se ver duas construções, que os Xavantes chamavam de *Hö* (tradução: \_\_\_\_\_).

No centro da aldeia havia uma grande praça, utilizada para o *warã* (tradução: \_\_\_\_\_).

Aí também eram tomadas as grandes decisões do Conselho dos Anciãos.

Cacá e o senhor Ademir acharam muito engraçado o adolescente Xavante sair correndo das abelhas, apesar de ficarem com dó dele.

No dia seguinte, eles se encontraram com Awaru, que parecia triste e ferido pelas picadas. E o senhor Ademir perguntou-lhe:

- Awaru, você está todo inchado! Mas, o que aconteceu?

Triste e olhando para Cacá pela primeira vez, Awaru tentou explicar o que tinha acontecido e a confusão em que tinha se metido:

- *Ontem, se realizava o **warã** na aldeia. Os índios Xavantes tomavam as decisões sobre o que iria acontecer no dia e os locais de caça escolhidos. A aldeia seguia sua rotina e eles não desconfiavam o que estava prestes a acontecer. Todos os homens falavam em voz alta e gesticulavam. O **Rótiwa** (tradução: \_\_\_\_\_) dos Xavantes comandava o **warã**.*

- *De repente, todos pararam de falar assustados com os gritos de um **airepudu** (tradução: \_\_\_\_\_), que vinha em disparada em direção à aldeia, gritando apavorado.*

- ***Damama, dana!** (tradução: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_), socorro! Acudam-me!*

- *Este **airepudu** era eu, Awaru! Eu fugia, perseguido por dezenas de abelhas que picavam minha cabeça e minhas costas!*

- *Eu procurei refúgio entre os Xavantes reunidos e foi uma confusão e tanto em pleno **warã**. As **amere** se esqueceram de Awaru e se dividiram atacando os Xavantes, que procuravam se defender pulando e dando tapas ao vento, gritando apavorados:*

- ***Ni!** (tradução: \_\_\_\_\_). **Ni! Amere, amere!***

*Mas, nada adiantava. Foi quando **Rótiwa** ordenou:*

- ***Ôwewe, ôwewe!** (tradução: \_\_\_\_\_). Corram todos para o **ôwewe!***

- *E todos os Xavantes jogaram-se no **ôwewe** que cortava a aldeia, permanecendo mergulhados por alguns minutos esperando que as **amere** fossem embora.*

- *Depois de vários mergulhos e com o fôlego quase acabando, os Xavantes puderam sair do rio são e salvos. As **amere** haviam voltado às suas flores, mas, não antes de darem uma última olhada para tentar localizar Awaru.*

- *E eu desapareci após a confusão!*

Após todas estas explicações, Awaru mostrava que estava com receio de voltar à aldeia.

O senhor Ademir e Cacá resolveram dar uma passada por lá, no retorno da trilha. E puderam constatar que a situação não estava nada boa para o coitado do Awaru.

O dia começava mal para ele. Awaru tinha agora que enfrentar o Conselho da Tribo e poderia receber vários castigos. Os Xavantes, carregando nos braços e nas costas algumas marcas das picadas das abelhas, procuravam por Awaru.

A casa de Awaru tinha a forma circular e era habitada por seus pais e Tãiwapo. E seria lá que, um dia, Tãiwapo moraria também com seu marido e filhos quando se casasse. Isto aconteceria, também, com Awaru.

A casa tinha uma estrutura de paus e bambus que sustentava o teto de indaiá, uma palmeira abundante na floresta, que descia até o solo. No centro da casa, ao lado do esteio principal, encontrava-se o fogo, quase sempre aceso.

A casa era o reino de Rowe, mãe de Awaru. Ela é quem providenciava a construção do lar, quem preparava e distribuía os produtos obtidos na caça, controlava a lavoura e seus produtos. Dentro da casa, Isahi, pai de Awaru, tinha uma importância secundária.

Ele permanecia quase sempre fora dela, no pátio ou participando das caçadas.

O senhor Ademir e Cacá procuraram esconder o riso das histórias contadas por Awaru e voltaram para o acampamento da ONG.

E o drama de Awaru continuava.

Awaru criou coragem e voltou para a aldeia e foi junto a Rowe que Awaru procurou carinho e proteção:

*Daruo* (tradução: \_\_\_\_\_), *dana. Daruo!*

Chorando, Awaru queria aliviar a dor das picadas das abelhas:

- *Dawededzé* (tradução: \_\_\_\_\_), *Dana.*

Awaru sofria muito e seu rosto e suas costas estavam inchadas e com caroços muito vermelhos.

Rowe chamou por Isahi, pai de Awaru, que estava muito zangado com ele e sabia que os Xavantes o estavam procurando.

Isahi falou com Awaru:

- *Awaru não é mais aiutepre* (tradução: \_\_\_\_\_). *Awaru irãtede* (tradução: \_\_\_\_\_), *itoze* (tradução: \_\_\_\_\_). *Awaru rowarudu* (tradução: \_\_\_\_\_).

Isahi chamava a atenção de Awaru por causar muitos problemas.

Rowe interveio:

- *Atamã* (tradução: \_\_\_\_\_), *atamã! Precisamos agora chamar o curandeiro para tratar Awaru. Ele é um bom menino. Vamos! Vá buscar Tsiwawë. Eu não quero que ninguém saiba que Awaru está aqui até ele ficar bom!*

Isahi saiu resmungando e foi procurar por Tsiwawë, o curandeiro. Do lado de fora Isahi era esperado por Rótiwa, o cacique dos Xavantes, que lhe falou de forma austera e em poucas palavras:

- *Awaru precisa falar com wahirada niwamhâ* (tradução: \_\_\_\_\_)!

Isahi, respeitosamente, baixou a cabeça em sinal de concordância. Muitas reclamações pesavam sobre ele. Todas envolvendo tentativas de feitiçaria.

E feitiços e magias somente poderiam ser realizadas pelos Xavantes com poder dentro da tribo, os curandeiros ou pajés. Eles sabiam como utilizar elementos e a força da natureza para curar doenças, invocar os deuses, pedir proteção à tribo, boas colheitas.



Mas, Awaru sentia-se perdidamente atraído pelo *rómhuri* (tradução:\_\_\_\_\_).

Tsiwawë foi, finalmente, localizado e levado para a casa de Rowe para curar Awaru que ardia em febre e inchava cada vez mais. Ele mal podia abrir os olhos.

Tsiwawë começou seu ritual de curandeirismo. Ele pegou várias folhas secas de diferentes plantas, pedaços de peles de diversos animais e insetos secos, como escorpiões e aranhas, depositando-as em uma pequena tigela de barro.

Apesar de doente, Awaru imediatamente se interessou pelo ritual de Tsiwawë e fazia perguntas que não eram respondidas por Tsiwawë:

- *Que folhas são estas, de que plantas? E estes pedaços de peles, são de quais animais? Onde você conseguiu estes insetos secos?*

Cansado de tantas perguntas, Tsiwawë deu um tapa na cabeça de Awaru para que ele parasse de fazer perguntas e, em seguida, ateou fogo à estranha mistura. A casa de Rowe foi invadida por uma fumaça preta e fedida, enquanto Tsiwawë orava e cantava. O tempo passou até que o fogo se apagou, restando somente cinzas no fundo da tigela.

Awaru, apesar do rosto inchado, conseguiu abrir seus grandes olhos pretos e acompanhar com grande entusiasmo tudo o que acontecia na casa com Tsiwawë.

Tsiwawë esquentou um pouco de água e a jogou na tigela fazendo um chá com as cinzas que restaram em seu fundo e ordenou a Awaru que bebesse tudo.

Rowe respondeu:

- *He pâri! (tradução:\_\_\_\_\_), em sinal de afirmação e reconhecimento a Tsiwawë. Em seguida, entregou a tigela para que Awaru bebesse todo o chá.*

Naquela noite, Awaru teve febre alta, suou muito. Enquanto dormia, Waritire entrou às escondidas na *ri* de Awaru para vê-lo. Afinal de contas era sua maior amiga.

Waritire tocava carinhosamente nos cabelos de Awaru e procurava refrescar sua testa que parecia arder com água fresca que espalhava cuidadosa e lentamente usando um ramo de planta.

Awaru dormia profundamente e Waritire falava baixinho:

- Waritire tem *dazawizé* (tradução: \_\_\_\_\_) por Awaru.

Waritire se declarava a Awaru. O coração de Waritire começou bater forte que saltava em seu peito. Ela tinha uma grande amizade e amor por Awaru, mas ele não sabia de seu amor por ele. Assustada, levantou-se apressadamente e se retirou correndo.

Sem a menor ideia do que tinha acontecido na noite anterior, Awaru acordou curado na manhã do dia seguinte.

E sua cura fez com que Awaru se empolgasse ainda mais com o *rómhuri* dos pajés Xavantes.

Uma tarde, o senhor Ademir levou Awaru até o alojamento para conhecer melhor Cacá e permitir que Cacá conversasse e brincasse um pouco com ele. O senhor Ademir sabia que poderia levar uma bronca do Dr. Ricardo em razão disto, mas acreditou que ele compreenderia a situação. Afinal de contas, não era comum para uma criança Xavante conhecer uma criança branca da cidade grande.

Awaru mostrava-se muito quieto e inibido. Era um ambiente estranho para ele. Mas, Cacá logo pegou seus brinquedos e material escolar para mostrar ao Awaru.

- Veja, Awaru! Eu tenho uma aldeia completa de índios aqui. Mas, acho que eles são de outra tribo. Eles são tão diferentes dos Xavantes.

Awaru achou curioso conhecer outros índios diferentes de sua tribo. Ele até arriscou arrumar as miniaturas em uma aldeia, mas ele arrumou do seu jeito, seguindo o que ele conhecia da Aldeia Xavante.

Na verdade, as miniaturas que Cacá tinha eram de índios americanos da tribo Apache. Assim, suas roupas e enfeites eram bem diferentes dos Xavantes.

- Você sabe ler e escrever? Perguntou Cacá.

- *Não! Respondeu Awaru, sem entender bem o que Cacá estava perguntando.*

- Mas, como vocês fazem para transmitir os conhecimentos e informações em sua tribo? Quis saber Cacá.

- *Meu pai, meus avôs, o **Rótiwa**, os **Wazuriwa** e os **Wahirada** (tradução:\_\_\_\_\_ ) me contam histórias sobre nossa cultura, nossos costumes, as técnicas de caçar e pescar e tudo o que precisamos saber. Eles ouviram tudo isto de seus antepassados e passam para nós. Um dia, vou fazer a mesma coisa com os meus filhos.*

Em seguida, Cacá mostrou seus cadernos, seus lápis e canetas e os lápis de cor. E mostrou para Awaru como se escreviam as letras e os números. Awaru se interessou, fez alguns rabiscos sem sentido.

Mas, o que Awaru mais gostou mesmo foi dos lápis de cor. Ele desenhou uma palmeira e pintou o tronco e as folhas escolhendo os lápis de cor certos, o marrom e o verde.

- ***Rómhuri!** **Rómhuri!** **Warazu** **auwê** **ubua** (tradução:\_\_\_\_\_ ) sabe fazer **rómhuri!** Gritava Awaru um pouco assustado.*

O senhor Ademir e Cacá riram da reação de Awaru.

O senhor Ademir interrompeu a brincadeira dizendo que estava na hora de Awaru voltar para a aldeia.

De volta à aldeia, Awaru fazia planos para novas tentativas de **rómhuri**.

- *Desta vez vai funcionar. **Amere** e **uti** (tradução:\_\_\_\_\_ ) vão me obedecer!*

Ainda se espreguiçando na rede, Awaru ouviu Isahi falar com Rowe:

- *Rowe, **Rótiwa** quer antecipar a reclusão de Awaru no **Hö**. Ele já é quase um **wapté** (tradução:\_\_\_\_\_ ). Deve começar a ser preparado para ser um jovem guerreiro e caçador Xavante, um **riteiwá** (tradução:\_\_\_\_\_ ).*

Na verdade, Awaru começava a entrar na fase de adolescência e deveria ficar recluso na Casa de Reclusão, a **Hö**, durante o período de iniciação para a

adolescência. Na Casa de Reclusão ele aprenderia a tradição dos Xavantes. Lá, ele e outros jovens ficariam reclusos por cinco anos.

Durante este período, os jovens Xavantes aprenderiam com os seus padrinhos fazer seus próprios ornamentos, as práticas de sobrevivência, como a caça e a pesca, os mitos e tradições da tribo.

Esta reclusão somente se encerraria com a cerimônia da furação de orelhas.

Aí, Awaru seria um *riteiwá* (tradução:\_\_\_\_\_).

Curado das picadas, Awaru retornou à rotina da aldeia, sob os olhares desconfiados e raivosos dos Xavantes, que ainda traziam as marcas das abelhas.

Quieto e procurando recuperar a confiança dos homens da tribo, Awaru foi ao encontro de seu amigo Wapsã:

- *Que está fazendo, Wapsã?*
- *Awaru, finalmente você apareceu! E é bom você se cuidar por enquanto. Os wazuriwa (tradução:\_\_\_\_\_) ainda estão muito bravos por causa da amere!*
- *Awaru errou. Rómhuri não deu certo. Amere era para picar Tãiwapo. Os wazuriwa estão certos de ficar com raiva de Awaru.*
- *Awaru, deixa a pobre Tãiwapo em paz! Olhe, por que você não começa a preparar seu material para levar quando você for para o Hö. Veja, eu estou fazendo o meu uibró (tradução:\_\_\_\_\_). Depois vou fazer meu arco e flechas.*
- *Eu ainda sou criança para ir para o Hö . E para que eu vou precisar de armas na Hö? Awaru quer aprender rómhuri. Awaru não quer aprender guerra ou caça. Awaru quer enfeitiçar a grande hu! (tradução:\_\_\_\_\_).*
- *Ah! Ah! Ah! Ah! Você me faz rir Awaru Enfeitiçar a grande hu? Ela vai te devorar antes disto! Esqueça isto, Awaru. Feitiços e magias são para os pajés Xavantes. Esqueça isto para o seu bem! Você é forte e corajoso. Vai ser um grande wazuriwa ! Mas, terá que se preparar para um longo período no Hö. Quando você sair de lá como um riteiwá vai poder se casar, ter suas esposas e filhos!*

Rótiwa, o cacique, quando sentiu que a situação estava mais calma na aldeia Xavante, ordenou o *wahirada niwamhâ* (tradução: \_\_\_\_\_) para julgar Awaru e os problemas que vinha causando à aldeia com suas tentativas de *rómhuri*.

Esta reunião decidiria sobre o destino de Awaru

Awaru foi chamado, acompanhado de Isahi, seu pai. Awaru agarrava fortemente o braço de seu pai buscando proteção.

Rótiwa pediu que algumas das vítimas prejudicadas pelas tentativas de feitiço de Awaru falassem. Uhödö, uma forte e gordinha jovem Xavante, iniciou pelo seu relato:

- *Awaru me deu água para beber dizendo que eu ficaria magra e bonita. Quando eu bebi a água, um utí entrou pela minha garganta e quase eu morri sufocada!*

Awaru baixava a cabeça e procurava se esconder atrás de Isahi. Ele tinha a certeza, naquele dia, que *utí* estava enfeitiçado por ele e que *utí* atrairia para si toda a gordura de Uhödö, deixando-a magra e bonita. E isto era tudo que ela queria.

- *Não sei o que deu errado! Pensava Awaru.*

Rótiwa apenas franzia a testa, dirigindo os olhos para Awaru em sinal de reprovação.

A seguir, foi a vez de Arârâré:

- *Um dia eu quase morri afogada! Awaru me obrigou entrar no ôwewe Olhando para mim com os olhos arregalados, ele falava: **Abzé, abzé**, Arârâré quer ser peixe, Arârâré vai ser peixe, Awaru vai transformar Arârâré em peixe, Arârâré vai poder nadar pelos rios e respirar debaixo d'água! Dizendo isto, Awaru mergulhou minha cabeça na água e me segurou por muito tempo. Eu só o ouvia falar: **Abzé, abzé**, Arârâré peixe, Arârâré peixe! Com muita dificuldade eu consegui me livrar de Awaru.*

Rótiwa, muito irritado, franziu ainda mais a testa. Desta vez, dirigiu seus grandes olhos para Isahi, que ouvia as histórias com muito constrangimento.

Awaru começava a se preocupar. O relato de Arârâré repercutiu muito forte no *wahirada niwamhâ*.

- *Mas, eu só mergulhei a cabeça de Arârâré por pouco tempo e ela tinha gostado da ideia de virar um peixe!*

A seguir falou Irâpari que, ainda, estava muito bravo com Awaru:

- *Awaru me convenceu a subir em uma grande árvore, dizendo que eu conseguiria voar. Ele pegou dois **ratara** (tradução:\_\_\_\_\_ ) e amarrou seus pés nos meus braços, um de cada lado. Awaru dizia que eles estavam enfeitiçados. Quando eu estava no alto, Awaru gritou: Irâpari grande **rada** (tradução:\_\_\_\_\_ ). **Abzé, abzé!** Irâpari voa como grande **rada**. Irâpari eu ordeno, voe, voe! Quando ele disse isto, eu me lancei ao ar e cai como uma pedra no grande rio. Os **ratara** conseguiram se soltar e voaram. Eu afundei no rio e me agarrei a um **aihöiré** (tradução:\_\_\_\_\_ ), pensando que fosse um tronco de árvore. O grande **aihöiré** mordeu minha perna, enquanto eu, desesperado, nadava para a beira do grande rio, com **aihöiré** atrás de mim querendo comer minha perna!*

Isahi abraçou Awaru, enquanto Rótiwa conversava com o **wahirada niwamhâ**. Em seguida, dirigiu-se para eles, gritando:

- *Basta! Awaru deve ir para o **Hö**. Esta é a decisão do **wahirada niwamhâ!***

Rótiwa retirou-se muito irritado com Awaru e nem ouviu Isahi dizer-lhe que Awaru ainda não estava na idade de ir para o **Hö**.

Awaru retirou-se correndo para sua casa, procurando por Rowe:

- ***Dana**, Awaru não quer ir para o **Hö**. Awaru não quer ser um **wazuriwa**.*

Rowe procurava acalmar e consolar Awaru:

- *Awaru, vai ser bom para você ficar no **Hö**. Isto aconteceria mais cedo ou mais tarde. É nossa tradição. Você vai aprender muitas coisas, como fazer suas armas, como caçar, como se defender. Você se tornará um verdadeiro Xavante e esquecerá um pouco o **rómhuri!***

Awaru olhou profundamente para sua mãe Rowe, retirando-se triste, sem dizer uma palavra, com a resignação de ser obrigado a aceitar a tradição da tribo.

Entretanto, de um sonho ele não abriria mão – ser tornar um grande feiticeiro e dominar as práticas da feitiçaria. Este pensamento o dominava de forma incontrolável.

Alguns dias depois, Awaru procurou pelo seu pai, nas vésperas do início de sua reclusão no **Hö**, mais conformado com a ideia.

- *Danana Isahi, converse melhor com Awaru sobre o Hö. Awaru está triste, infeliz.*

- *Awaru, todo wapté como você passa pelo período de iniciação para a fase adulta no Hö. Os Xavantes constroem o Hö, que será sua casa por um longo tempo, com muito carinho para abrigar os wapté, os jovens Xavantes que estão deixando de ser crianças. A nossa tradição tem que ser repassada para os jovens. Quando você for adulto, vai passá-las para os seus filhos e netos. É assim que é feito há muitas e muitas luas. Para nós Xavantes a celebração dos rituais na forma como foram ensinados pelos nossos ancestrais é fundamental para manter viva nossa tradição e cultura. Por isso realizamos o danono.*

- *Danono (tradução: \_\_\_\_\_), danana?*

- *Sim, Awaru, o danono começa com a vivência no Hö.*

Um pouco distante da aldeia Xavante, o senhor Ademir ficou sabendo das peripécias de Awaru com suas tentativas de feitiçaria. E soube, também, que o Conselho da Tribo decidiu pela antecipação de sua ida para a Casa de Reclusão dos Adolescentes. E contou tudo para Cacá.

- *Cinco anos preso? Coitado do Awaru! Disse Cacá indignado.*

- *Preso, não! Cacá, isto faz parte da cultura e hábitos dos Xavantes. Awaru ficará na Casa de Reclusão dos Adolescentes por cinco anos. Lá ele aprenderá tudo sobre a cultura dos Xavantes, a arte de caçar e pescar, como fazer enfeites e as armas que precisará para caçar e defender a tribo. Sairá de lá um índio adulto e poderá até se casar! Explicou o senhor Ademir.*

De qualquer forma, Cacá lamentou o destino de Awaru:

- *É como se Awaru fosse para um colégio interno para voltar depois de cinco anos!*

E a vida continuava na aldeia.

Finalmente, chegou o dia em que Awaru iniciaria sua experiência no **Hö**. Em sua casa, Awaru, distraído e desinteressado, apanhava alguns pertences pessoais para levar. Foi quando Tãiwapo se aproximou silenciosa e cuidadosamente:

- *Awaru, eu queria desejar-lhe boa sorte no **Hö**. Você é um **wapté iwere** (tradução:\_\_\_\_\_). Será um grande **riteiwá**. Tãiwapo quer que você seja muito feliz.*

Tãiwapo encostou os eu nariz no nariz de Awaru, se despedindo e se afastando de costas lentamente, enquanto olhava para Awaru com seus belos olhos negros, escondidos entre os longos cabelos pretos que cobriam parte de seu rosto.

Em uma tarde, Sereburan reuniu todos os **wapté** no centro da aldeia para uma informação:

- *Vocês têm participado da cerimônia do **Oi'ó** (tradução:\_\_\_\_\_) desde quando tinham dois anos. Lutavam uns com os outros, mas eram lutas de brincadeira de meninos. Mas, como vocês estão próximos da reclusão no **Hö**, na cerimônia do **Oi'ó** todos vocês vão lutar de verdade. Isto acontecerá daqui a cinco luas. Serão lutas mais intensas e reais, quando os **wapté** poderão mostrar toda sua força e coragem. É nossa tradição que a última luta antes do **Hö** seja assim. Após estas lutas, vocês vão iniciar a reclusão no **Hö**. E esta reclusão deverá durar por cinco anos.*

As lutas do **Oi'ó** envolviam meninos mais ou menos da mesma idade e de clãs diferentes.

Os dois clãs se diferenciavam através da pintura no rosto. Desenhavam pequenos símbolos, três girinos, representando um clã, e um rio, representando outro clã.

Passadas as cinco luas, o dia do **Oi'ó** chegara. Awaru, não estava muito entusiasmado em participar das lutas, mas pintava seu rosto com a ajuda de Rowe.

Agitado, Sereburan organizava aos gritos e disciplina os grupos de meninos dos dois clãs que deviam lutar, procurando incentivar todos:

- ***Wapté!** Mostrem a sua personalidade e caráter de guerreiro! Não demonstrem medo e dor. Sejam valentes e lutem como verdadeiros **riteiwá**.*



Toda a tribo observava os *wapté* nessas lutas. Assim, a comunidade poderia identificar aqueles que seriam os líderes, os guerreiros e a posição na tribo que cada um teria.

Os pais procuravam incentivar seus filhos com gritos e gestos. Na última luta do *Oi'ó* os meninos maiores, os *ritéiwa*, batiam de verdade! Não ficavam com dó dos pequenos que choravam. Era este o costume.

Assim, a comunidade ia conhecendo cada menino, sua coragem, seus medos, suas fraquezas. Na luta eles se revelavam. Esta era a tradição da tribo que passava de geração para geração.

Quando chegou a vez de Awaru, Isahi e Rowe procuravam dar o seu incentivo. Awaru tinha que enfrentar um *ritéiwa* mais forte e mais alto do que ele. Era uma luta desigual.

Mas, Awaru tinha uma estratégia. Enfeitiçar o *ritéiwa*!

Sereburan deu autorização para o início da luta. Dezenas de lutas anteriores entre os *wapté* já tinham ocorrido.

O *ritéiwa* colocou-se em posição de luta, abrindo os braços para envolver Awaru posicionando o corpo para o ataque.

Awaru procurou fazer o mesmo e os dois ficaram se analisando, dando voltas em círculos. Em certo momento, Awaru iniciou o seu ritual de *rómhuri*:

- *Abzé, abzé. Ritéiwa está me vendo gigante e forte. Ritéiwa está com medo de Awaru Ritéiwa vai apanhar de Awaru e dormir quando Awaru tocar ritéiwa!*

Com estas palavras, Awaru tentou um ataque e tocar no *ritéiwa*. Mas, não funcionou. O adversário mais forte abraçou Awaru e, com uma chave de braço, o imobilizou violentamente, jogando-o ao solo, continuando a mantê-lo preso em seus fortes braços.

Awaru sentia dores e estava desesperado. Mas, não podia gritar nem chorar. Isto seria desonroso para um *Ritéiwa*. Para seu alívio, Sereburan interviu, tocando nos ombros do vencedor e encerrando a luta.

Para Awaru restou somente a retirada, humilhado:

- *Todos vocês verão um dia outro Awaru Eu vou ter muitos poderes. Vocês vão me respeitar e me temer!*

Awaru retirou-se sem ouvir as risadas dos outros *wapté*, seguido de *dana* Rowe que procurava consolá-lo e apoiá-lo:

- *Awaru, você perdeu e isto era esperado. O **ritéiwa** era mais alto e mais forte. Esta luta somente serviu para você conhecer os seus limites e aprender com um guerreiro mais experiente. Você será um grande **riteiwá** um dia meu filho.*

Terminadas as lutas do *Oi'ó*, a reclusão no *Hö*, finalmente, teve início para Awaru, Wapsã e demais *wapté*.

O *Hö* é a casa de aprendizagem de todos os adolescentes-homens de uma mesma geração.

Lá, serão observados pelos homens mais velhos da tribo chamados de padrinhos.

Será um longo período para que os padrinhos passem aos jovens *wapté* toda tradição, história da tribo, cerimônias, a arte da caça, pesca e da guerra. A entrada no *Hö* marcava a passagem da infância para a adolescência.

Isto significava poder participar em cerimônias e decisões tomadas na aldeia. Poderiam exercer todas as funções de um homem dentro da cultura Xavante.

A tradição Xavante é estruturada em cima do guerreiro homem, isto porque durante toda a história, os Xavantes tinham que defender-se de seus inimigos, para que não fossem invadidos e para que suas terras não fossem tomadas. Assim, o homem era responsável pela sobrevivência de sua família, pelo seu sustento e sua proteção.

Por esta razão, a maioria das cerimônias é voltada para o homem, não que eles não se preocupem com a mulher. O xavante tem uma maior preocupação com a formação dos meninos para que, quando se tornarem homens, eles tenham capacidade de arcar com todas as responsabilidades e deveres defendendo, assim, o território Xavante.

O aprendizado no *Hö* era intenso e exaustivo.

Sereburan, *isahi* (tradução: \_\_\_\_\_) *riteiwá*, era o monitor dos *wapté* e ele exigia muita disciplina, interesse e obediência. Sereburan era ajudado pelos padrinhos.

- *Nas próximas sete luas vocês vão aprender a arte fazer e usar armas, como o arco, flechas, a borduna.*

Sereburan levou o grupo para a floresta para mostrar e escolher as melhores madeiras e fibras para a construção das armas tão importantes para a caça e guerra dos Xavantes.

Os *wapté* tinham que fazer o trabalho completo. Cortar a madeira, colher as fibras, desbastar a madeira até obterem o arco com a necessária flexibilidade, fabricar as flechas. O trabalho com as fibras para fazer a corda dos arcos era mais delicado, uma vez que elas dariam o impulso às flechas.

O tacape, grande pedaço de madeira dura e redonda, era uma das armas mais contundentes para a caça e principalmente para a guerra.

Em seguida, vinha a parte mais esperada por todos os *wapté* – os exercícios práticos.

- *Todos em fila, vamos treinar o arremesso de flechas. Cuidado para ninguém ficar atrás dos alvos. Vocês podem virar caça! Gritava Sereburan, enquanto colocava nas árvores diversos alvos, como pedaços de madeira, frutas de vários portes, esqueletos de animais. E o treinamento começava.*

Enquanto Wapsã era mais cauteloso e preferia manter-se mais para o final da fila, Awaru tomava a iniciativa e se colocava como o primeiro da fila.

- *Bem, começamos por você, Awaru Pode atirar suas primeiras três flechas. Você tem que ser rápido e acertar pelo menos uma. Lembre-se que à sua frente tem uma *abazé* (tradução: \_\_\_\_\_), que vai alimentar você e sua família! Se for muito lento, ela foge. Se errar todas as flechas, ela foge! Ensinava Sereburan.*

Awaru olhava atentamente para o alvo, concentrava-se, olhava para a ponta da flecha, mirava bem e esticando o arco dizia:

- *Abzé, abzé flecha certa vá e acerte o alvo! Awaru atirou a flecha em seguida.*

Mas, o feitiço não funcionava. A flecha, com pouco impulso, caiu na metade do caminho.

Os *wapté* riam de Awaru, enquanto Sereburan gritava bravo:

- *Awaru itoze, Awaru itoze!*

Awaru tinha que pegar o final da fila para tentar novamente e isto se repetia muitas vezes.

Os *wapté* que acertavam o alvo por três vezes consecutivas, eram liberados da fila. Os que não acertavam, tinham que ficar na fila para novas tentativas. Wapsã mostrava-se grande guerreiro e era um dos primeiros a atingir os alvos e ser liberado da fila.

Entretanto, Awaru, em via de regra, era o último a ficar no treinamento. Depois de horas e muita ira de Sereburan, Awaru, finalmente, conseguia acertar os alvos por três vezes consecutivas e sem *abzé, abzé*.

Mas, todos gostavam quando Sereburan gritava:

- *Tãibó (tradução:\_\_\_\_\_), tãibó! Dando por encerrado o treinamento do dia.*

- *Amanhã, vamos treinar o uso do uibró, encerrava Sereburan demonstrando alguns golpes de borduna.*

À noite, somente uma pequena tocha iluminava o interior do *Hö*. Os *wapté* haviam se recolhidos e conversavam sobre o sucesso de cada um com o arco e flecha. Para variar, eles riam de Awaru:

- *Abzé, abzé flecha certa vá e acerte o alvo. Ah! Ah! Ah! Ah! Se fosse uma hu agora você não estaria aqui.*

Awaru mal ouvia o que eles falavam. Ele preferia colocar uma venda nos olhos e se movimentar dentro da *Hö* na mais completa escuridão. Ele fazia isto para ser como a coruja e enxergar no escuro. Na verdade, esta brincadeira de Awaru começou dar certo.

Após luas e luas de treinamento, quando a *Hö* estava na mais completa escuridão, Awaru levantava-se e conseguia enxergar os *wapté* deitados em suas redes, inicialmente pelos vultos e, depois de muitas noites, até pela fisionomia. Awaru passou a ter a melhor visão noturna entre os *wapté* e procurava impressionar os seus amigos:

- *Abzé, abzé, Awaru feiticeiro, Awaru enxerga no escuro. Aqui está a cabeça de Wapsã, este é o braço de Wapsã, falava sinistramente Awaru, enquanto na madrugada andava pela Hö.*
- *Awaru, vá dormir! Deixe os outros wapté dormirem! Esta cabeça é minha, este braço é meu! Respondia Sereburan irritado.*
- *Bem, nem sempre dá certo! Consolava-se Awaru.*

O barulho dos macacos e dos pássaros na floresta anunciava um novo dia e todos na Hö se preparavam para a primeira refeição do dia, na base de farinha de mandioca e frutas do mato. E preparavam-se para as aulas sobre a borduna.

Sereburan começou o treinamento explicando:

- *O arco e flecha são para caça e ataque à distância, quando a caça ou o inimigo estão longe. A borduna é para caça e ataque de perto, quando a caça ou o inimigo estão em sua frente. Por isso, o golpe de borduna tem que ser certo e decisivo, senão você pode não sobreviver. Ou a caça ataca você ou o inimigo ataca.*

Com estas palavras, Sereburan levou o grupo de wapté para a floresta para encontrarem a árvore que forneceria a madeira dura e resistente para a fabricação dos uibró.

O tamanho da borduna dependia do tamanho do guerreiro. Geralmente o tamanho obedecia a altura do peito do guerreiro. Cada um procurou fabricar a sua borduna com todo o cuidado e capricho. Entenderam, desde o começo, que se tratava de uma importante arma de caça e de guerra.

Sereburan, ao final, pediu que todos pintassem e adornassem suas bordunas a critério e gosto de cada um. Estas seriam suas marcas na arma.

Feitas as bordunas, o treinamento começou.

Sereburan colocou um grande tronco de seringueira e uma pele de um uhö (tradução: \_\_\_\_\_), dizendo:

- *Este tronco é o guerreiro inimigo. Esta pele é o abazé. Cada um de vocês vai dar golpes de borduna, derrubando o inimigo ou o abazé.*

Os *wapté* se colocavam em fila e se preparavam para este importante treinamento para serem futuros guerreiros. Antes, Sereburan mostrava os golpes certos que deveriam ser aplicados, mas não sem antes advertir Awaru:

- *Awaru, nada de abzé, abzé! Provocando risos dos wapté.*

Awaru não gostou da brincadeira e comprometeu-se a usar o seu *uibró* com perfeição e assim o fez.

Olhando fixamente para o *uhö*, Awaru colocou-se em posição de guerreiro. E com uma expressão firme e forte, sobrancelhas para baixo, levantando o *uhö* na altura dos ombros, segurando-o com força, Awaru fez o ataque com extrema agilidade, acertando bem no meio do pescoço do *uhö*, que caiu.

Todos ficaram admirados e aplaudiram Awaru, que ficou imóvel, apoiando-se no *uibró*. E com a cabeça erguida e ar de orgulho, ele ouvia os aplausos dos amigos. Parecia um verdadeiro guerreiro!

O ataque ao tronco foi a parte mais difícil para todos. O desafio não era somente derrubá-lo, mas conseguir fazer marcas profundas em sua casca que provassem os golpes fortes e mortais.

Os ataques eram individuais, depois em grupo e, finalmente, os *wapté* conseguiram derrubar o tronco de seringueira que sangrava seu sangue branco de látex.

O sorriso de Sereburan demonstrava o seu contentamento, porém não fez menção disto aos *wapté*. Não costumava fazer elogios com facilidade. Achava que isto poderia tornar os futuros guerreiros fracos e dependentes.

E assim prosseguiu o treinamento com aulas de fabricação de adornos, visitas à floresta para escolher as plantas que tinham veneno para as pontas das flechas, as plantas que davam frutos que podiam ser comidos, as técnicas de caça e pesca para cada tipo de animal e peixe.

As noites eram dedicadas para as várias cerimônias e para o aprendizado da cultura e tradição da tribo pelos *wahirada niwamhâ*.

Distante desta movimentação na aldeia, Cacá soube que chegou o dia em que teria que voltar para sua casa. O período de férias havia terminado. Seu pai Dr. José Eduardo tinha recolhido um farto material para os seus estudos e pesquisas.

No caminho para o aeroporto de Cuiabá, Cacá se mostrava triste. Apesar de saber que sua estada na Aldeia Xavante estava programada por apenas 30 dias, ele não se dera conta que deveria voltar para a sua vida em São Paulo, tal o seu entusiasmo e encantamento.

No carro, Cacá ouvia a conversa do Dr. Ricardo com o seu pai Dr. José Eduardo, meio sonolento e embalado pelos solavancos do carro nas estradas de terra.

- José Eduardo, então sua visita ao posto da ONG foi muito útil para você, não?

- Com certeza, Ricardo. Eu lhe agradeço muito por esta oportunidade. Eu recolhi um valioso material para os meus estudos. Tirei muitas fotos dos Xavantes, em várias idades e retratando os costumes e hábitos. Estou levando amostras de seus utensílios e equipamentos para caça e pesca e utensílios para cozinha. Gravei vídeos de suas danças, lutas, as crianças brincando e nadando no rio, a movimentação para a caça de animais. Fiz mil e uma anotações!

- José Eduardo, foi um prazer receber você e sua família por aqui. Voltem sempre que puderem. O Cacá é um menino muito inteligente e parece ter feito um amigo aqui, o Awaru.

- É, ele gostou muito daqui. Tenho certeza de que irá voltar um dia! Disse o Dr. José Eduardo.

O Dr. José Eduardo deu um suspiro fundo, emocionado, e finalizou, dizendo:

- Os Xavantes têm hábitos e costumes muito interessantes, passados de geração em geração por centenas de anos. É uma pena que poucos brasileiros conheçam a cultura de nossos índios!

- É verdade, José Eduardo! É verdade! Respondeu o Dr. Ricardo..

Cacá nem pode se despedir de Awaru. Awaru e toda a Aldeia Xavante ficaram em sua memória para sempre.

- Um dia eu voltarei e visitarei Awaru novamente. Pensou Cacá.

O tempo passou. Lá na Casa de Reclusão dos Adolescentes, Wapsã, ao contrário de Awaru, se comportava com entusiasmo no *Hö*. Aprendeu a ter

boa destreza no manuseio do arco e flecha, era um grande caçador, mostrava-se entusiasmado e a tudo prestava atenção, aprendendo com a experiência dos homens mais velhos e sábios da tribo.

E assim, passaram-se muitas e muitas luas. A vida dentro do *Hö* estava agitada entre todos os *wapté* pela expectativa do término do período no *Hö*. Já estava quase terminando o período de cinco anos e os jovens índios já não eram mais adolescentes. Tinham crescido e desenvolvido corpos fortes e saudáveis. Enfim, eles eram, finalmente, *riteiwá*.

Cacá gostaria muito de continuar acompanhando a vida de Awaru até sair da Casa de Reclusão dos Adolescentes. Mas, um novo semestre escolar o aguardava em São Paulo. O Dr. José Eduardo, igualmente, tinha que reassumir suas atividades profissionais. E dona Silvana não via a hora de voltar para sua casa, rever seus pais e voltar à sua rotina.

Mas, o senhor Ademir se comprometeu a enviar notícias sobre Awaru para Cacá, bem como transmitir notícias de Cacá para Awaru. Eles acabaram ficando amigos, que agora eram obrigados a se afastarem um do outro.

E os e-mails do senhor Ademir para Cacá e de Cacá para o senhor Ademir aconteciam ao longo do tempo, tempo este em que Cacá também crescia se tornava um jovem:

‘Awaru participou hoje do *Waí*. O *Waí* é uma luta corporal pela qual os padrinhos e os *wapté* entrelaçam os braços e o objetivo é um derrubar o outro no chão. Awaru se saiu muito bem!’.

‘O período de Awaru e outros seus amigos na Casa de Reclusão dos Adolescentes aproxima-se do final. Foram cinco longos anos. Awaru participará amanhã da cerimônia de furação da orelha’.

‘Senhor Ademir, o que é esta cerimônia de furação da orelha? Por que vão furar as orelhas do Awaru? - Cacá’.

‘Esta cerimônia marca a saída dos jovens que concluíram sua passagem pela Casa de Reclusão dos Adolescentes’.

‘Awaru será apresentado hoje da noiva escolhida pelos seus pais. Ele não está muito feliz com isto. Afinal de contas, ele gosta da Waritire, mas ela foi prometida ao seu amigo Wapsã!’.



‘Awaru continua mostrando interesse para as atividades de curandeiro, feiticeiro, magia. Por outro lado, Wapsã se tornou um grande guerreiro e lutador de *Waĩ*’.

‘Awaru não aceitou o casamento com a noiva escolhida por seus pais. Esta situação estava lhe causando muito constrangimento na Aldeia. Mas, seus pais afirmam que o casamento não é uma decisão dele e que ele deve aceitar a noiva escolhida’.

‘Cacá, Awaru desapareceu na imensa floresta. Ninguém sabe do seu paradeiro. Um dia todos estranharam a maneira como Awaru se preparou para a caçada. Ele se abasteceu de água, pegou algumas frutas, pegou suas armas - uma faca, o arco, muitas flechas e o tacape - colocou seu laço na cabeça de guerreiro e levou até a haste fina de bambu, aquela com a qual sentia as teias de aranha no escuro. Awaru tinha um ar pesado, triste e sinistro. A caçada prosseguia na mata e, no alvoroço entre os caçadores, Awaru desapareceu na imensa floresta amazônica’.

Ao receber este último e-mail do senhor Ademir, Cacá não conseguiu segurar suas lágrimas por Awaru.

Mas, algo no fundo de seu coração lhe dizia que Awaru voltaria adulto e poderoso, como ele sempre prometera.

Cacá tinha a certeza de que Awaru voltaria um grande pajé, um grande feiticeiro e um grande curandeiro.

Awaru foi em busca de seu sonho e um chamado do Destino.

Mas, será que um dia Awaru voltará mesmo à aldeia?

FIM